

Martin Heidegger 1998: *Heráclito*.
Rio de Janeiro, Relume Dumará.
Tradução: Márcia de Sá Cavalcante
Schuback.
ISBN: 85-7316-150-7

ERNILDO STEIN

Departamento de Filosofia da
PUC-RS

E-mail: ejstein@pucls.br

Gadamer afirmou alguma vez que não existe a possibilidade de a filosofia ocidental mover-se fora da metafísica. Não existiria, segundo ele, uma outra linguagem. Mas mesmo assim, ele não sabe ao certo como falar hoje desse assunto ou o que hoje ainda seria metafísica (Gadamer, *Obras*, vol. 10, p. 108). Esse questionamento lhe vem de Heidegger e a afirmação que explícita é dirigida contra aqueles que interpretam de modo equivocado o que o filósofo diz da destruição, da superação e do fim da metafísica.

O processo de superação da metafísica, que toma como fio condutor a questão do tempo, baseia-se num critério para decidir o que é uma questão metafísica. Esse critério re-

cebeu uma interpretação redutora na analítica existencial. Deixando de lado os problemas não respondidos, o que nos importa aqui é chamar atenção para o modo como Heidegger interpreta as obras da filosofia ocidental. As grandes obras do filósofo, que despontam com a edição da obra póstuma, são, na sua maioria, *interpretações* de textos de pensadores da metafísica ocidental e representam etapas de seu projeto de destruição, anunciado em *Ser e tempo*.

Poder-se-ia esperar das incursões heideggerianas na história da metafísica uma espécie de explicitação conceitual do conteúdo dos textos clássicos, feita por um grande conhecedor. Ou, talvez, nutríssemos a expectativa de encontrar nelas introduções a esses filósofos. Ocupando o lugar de intérprete, Heidegger, no entanto, não se dedica a uma atividade analítico-crítico-elucidativa que reduziria os textos filosóficos a meros objetos da lógica e da análise da linguagem. O filósofo não despreza os elementos crítico-formais, mas esses estão a serviço de uma dimensão substantiva: “Ainda não foi decidido que a lógica e suas regras fundamentais possam servir de critério para a questão sobre o ente como tal” (*Introdução à metafísica*, Tempo brasileiro, p. 54).

Para Heidegger, a questão substantiva é a questão do ente e esta, por

sua vez, é elaborada a partir da questão do ser. O teorema que preside a interpretação é a diferença ontológica. É dela que toda a interpretação dos textos da filosofia se alimenta. É toda a filosofia que está presente em cada filósofo. Há uma história da metafísica que é desvendada em cada leitura. Nisso consiste a tarefa da destruição, presente no projeto heideggeriano.

Cada autor interpretado representa algum degrau para ascender na direção de construir um discurso próprio sobre o destino da metafísica. Os ensaios e os tratados de Heidegger são o resultado final dessa chave de interpretação. Desde *Ser e tempo* até *Meditação* (*Besinnung*) e outros tratados, a sua linguagem é o resultado do confronto interpretativo que tem esse caráter substantivo. Hoje sabemos, da publicação dos volumes do começo dos anos 20, que mesmo a terminologia filosófica de *Ser e tempo* foi gestada principalmente a partir da interpretação de Aristóteles, ainda que certos pressupostos kantianos também sejam determinantes. Heidegger, por vezes, chama a leitura de Aristóteles de interpretação fenomenológica. Ainda em 1928 ele escreve um volume sobre a *Crítica da razão pura* e o denomina *Interpretação fenomenológica da Crítica da razão pura*.

É com esses pressupostos e nesta moldura que deve ser recebido tam-

bém o volume 55 das Obras Reunidas de Heidegger, que tem como título o nome de Heráclito. Do começo dos anos 40, esse texto contém as duas últimas grandes preleções de Heidegger durante a Segunda Guerra Mundial. A primeira é do semestre de verão de 1943 e vem com o título “A origem do pensamento ocidental (Heráclito)”. A segunda, intitulada “Doutrina heraclítica do lógos”, foi desenvolvida durante o semestre de verão de 1944. Pouco antes de sua morte, em 1976, o filósofo confiou a Manfred Frings a edição do volume. Em meio a tantos textos inéditos, Heidegger tinha por estas duas preleções sobre Heráclito um interesse muito particular.

Precedidas pela preleção *Parmênides*, do semestre de inverno 1942/43, as preleções sobre Heráclito situam-se no fim das grandes aulas dos anos 30 e na primeira metade dos anos 40, em que foram analisados filósofos como Kant (1930 a 1935/36), Hegel (1930/31), Aristóteles (1931), Platão (1931/32), Anaximandro e Parmênides (1932), Schelling (1936/41) e, sobretudo, Nietzsche (1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941 e 1942) e Hölderlin (1934, 1935, 1941 e 1942). São todas elas preleções importantes, essenciais para a compreensão do segundo Heidegger e do quadro em que tomaram forma os notáveis tratados que se

seguiram ao primeiro deles, *Ser e tempo* (1927). Estes textos repensam a matriz de *Ser e tempo* e introduzem temas novos, como a história do ser, o destino da metafísica ocidental e a era da técnica. Deles já foram publicados: *Contribuições para a filosofia* (*Beiträge zur Philosophie*, de 1936-1938), *Meditação* (*Besinnung*, de 1938/39) e *A história do ser*, (*Geschichte des Seyns*, de 1938, 1939, 1940), nos volumes 65, 66 e 69 da Obra Reunida.

Já conhecíamos “Lógos” e “Alétheia”, ensaios dos anos 50, e “O Seminário sobre Heráclito”, de 1966/67, realizado com Eugen Fink. A que vem agora *Heráclito*? Qual é o conteúdo e o estilo de análise dessas aulas? Nessas preleções, seguindo um impulso extraordinário do seu pensamento, o filósofo conjuga, num único movimento, os seguintes passos:

a) analisa o enigma do pensamento ocidental e a relação entre o originário e a palavra;

b) evoca todos os filósofos analisados nos anos 30 e mostra como nesta história da filosofia aconteceu o esquecimento do ser (da verdade do ser) enquanto pensamento metafísico;

c) mostra como pensar a “obscuridade” do pensamento essencial, ao mesmo tempo que aponta a inadequação da dialética como meio para expor a tensão entre o pensamento originário e o encobrimento;

d) pensa o que chama a “verdade do ser” a partir do fragmento 16, cuja ambigüidade permite a combinação com outros fragmentos, tais como o 123, o 30 e, sobretudo, com 64, 66, e 124;

e) liga a “alétheia” ao desvelamento e à palavra do ser na história ocidental;

f) passa então para a análise do “lógos” e da lógica como disciplina e como tarefa (preleção de 1944);

g) descreve o afastamento do “lógos” originário e os caminhos de retorno à região originária da lógica, à “verdade do ser”.

Esses itens não são um resumo de *Heráclito*, eles tão-somente querem mostrar uma unidade que não é apenas de um tema, mas de vários temas. Apesar de jogar com o “obscuro”, codinome do filósofo grego, o texto de Heidegger não é obscuro, nem herético, nem rebarbativo ou artificioso, como é, por exemplo, *Parmênides*, sua preleção anterior.

O fragmento 16 e a combinação entre “alétheia” e “phýsis” permitem a Heidegger criar uma atmosfera de tensão e manter aberto o espaço de jogo de que se serviu seu pensamento durante todos os anos 30. Retomando a labuta obsessiva sobre outros autores, que estudou durante os 15 anos anteriores, Heidegger escolhe dois deles para inseri-los na inter-

pretação de Heráclito. São eles Nietzsche e Hölderlin, os mais estudados pelo viés do fim da metafísica e do outro começo. Nietzsche, como o último metafísico, e Hölderlin (Rilke, por momentos), como o arauto de um outro começo; Nietzsche, com a vontade de poder (lógica, técnica) e Hölderlin, com o verso: “Quem pensou o mais profundo ama o que é mais vivo”. Mas o que ressoa mesmo em *Heráclito* de Heidegger é o conjunto temático dos tratados da segunda metade dos anos 30. Neles se fala do *Ereignis* (acontecimento-apropriação), da técnica, da subjetividade, do esquecimento do ser, da verdade do ser, da vontade da vontade, da lógica como origem do destino ocidental, da falência histórica do cristianismo (“Será necessário ainda uma terceira guerra mundial para comprová-lo?” – pergunta Heidegger em 1944).

Todos os temas caros ao segundo Heidegger juntam-se na hermenêutica de *Heráclito*. É do “obscuro” que trata a última preleção de Heidegger sobre um autor da história da filosofia ocidental (este que é, de algum modo, o primeiro). Ficamos espantados em ver com que auto-suficiência, distância, orgulho, ironia, desprezo e satisfação Heidegger realiza esta obra no início da noite que se estende sobre a Alemanha. É também o fim de sua atividade acadêmica nor-

mal. Em 1946, ele será excluído da Universidade. Trata-se do ajuste com a metafísica e suas conseqüências.

Em 1929/1930, Heidegger realizou a preleção volumosa intitulada *Os conceitos fundamentais da metafísica – mundo, finitude, solidão*, que, numa carta a Elysabeth Blochmann, ele mesmo chamara de “minha metafísica”. Estava no limiar de um novo tempo. Os anos 20 haviam sido a sua “guerra interior” que se encerrava com a “sua metafísica” (um *Ser e tempo* mais explícito e livre). Entrava agora na “outra guerra” – a sua escolha política que se encerraria de modo arrasador, em 1945, ou, melhor, em 1946, com o seu banimento do único campo em que sabia lutar, a Universidade, e onde apostara todas as suas fichas. *Heráclito* é um dos melhores textos do segundo Heidegger. De uma complexidade fulgurante. E, contudo, revela uma essencial simplicidade. É também a obra que encerra o segundo Heidegger. O que vem depois é o terceiro. Sua criação filosófica termina com a guerra ou com as guerras. A atividade solitária da interpretação da herança ocidental o levava muito longe, a grande obra estava pronta. O projeto de *destruição* da metafísica conduziria a resultados que *Ser e tempo* certamente não previra.

Depois de 1946, quase tudo é conseqüência, seleção, resumos, síntese-

ses da produção dos anos 30 ou explicações e auto-interpretação, também dos anos 30: dos erros e das errâncias. *Heráclito*, que temos agora em português, é uma espécie de manifesto e também uma despedida. A grande filosofia de Martin Heidegger se encerra aí.

A tradução brasileira de Márcia de Sá Cavalcante Schuback é uma bela surpresa. Lê-se com gosto e quase sem o auxílio do texto em alemão. Há mui-

tas escolhas felizes para problemas sérios de tradução. A nova edição deveria, entretanto, rever certas escolhas – sobretudo o uso dos termos “descobrimento” e “desvelamento”. “*Sache*” é tarefa ou causa, não coisa, como aparece em geral no texto. “*Contréa*” é um achado de luxo para “*Gegend*” (região). O texto está mundos à frente do nível de tradução de *Ser e tempo*, pela mesma tradutora.